



EX-ALUNAS irão à festa de 70 anos. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 out. 1970.

Ex-alunas irão à festa de 70 anos

O Estado 23.10.70

Da Sucursal de
CAMPINAS

Duzentas ex-alunas do Colégio Progresso Campineiro, entre elas d. Zilda Natel, esposa do governador eleito, são esperadas no próximo domingo para um encontro no qual reviverão os almoços dominicais de seus tempos de estudantes, sob as mangueiras do pátio daquele tradicional estabelecimento de ensino.

Essa reunião, que encerrará as comemorações do 70.º aniversário de fundação do colégio, terá início às 9 horas com missa em ação de graças, sendo mais tarde oferecido um churrasco aos presentes.

Como surgiu

Em fins do século passado e no início deste, as moças das famílias tradicionais de Campinas deviam falar francês correntemente, tocar piano, conhecer pintura e saber dançar. Entretanto, elas não podiam frequentar os colégios da cidade porque os pais não admitiam que suas filhas estudassem em classes juntamente com rapazes. Por isso, era comum que cada moça tivesse uma professora particular que lhe ensinasse tudo.

Para solucionar todos esses problemas, principalmente os de ordem econômica, um grupo de campineiros resolveu criar uma escola só para meninas e moças.

Foi assim que surgiu, em novembro de 1900, o Colégio Progresso Campineiro, sendo considerados seus fundadores Orozimbo Maia, Joaquim Alvaro de Souza Camargo, Antônio Alvaro de Souza Camargo, Luiz de Campos Salles e o coronel Arthur Leite de Barros.

Foram contratados os melhores professores da época, entre eles Coelho Neto, Ernesto de Oliveira, Basílio de Magalhães primeiramente, e Otoniel Mota, Benedito Sampaio, José Bento de Assis, Camilo Vanzolini e Anibal de Freitas mais tarde. Madame Blanc, que dava aulas particulares a moças de diversas famílias,

ficou encarregada de ensinar francês às alunas do novo estabelecimento.

O regime da escola era de internato e as alunas só podiam sair uma vez por mês, em companhia de seus pais. Aos domingos, porém, elas costumavam sair aos grupos, acompanhadas por professores, para visitas ao Bos-

que dos Jequitibás ou passeios pelas ruas da cidade. Também costumavam frequentar o Clube Campineiro.

As cartas recebidas ou escritas pelas moças sempre passavam pela censura da diretora. Por isso, para burlar a fiscalização e conseguir que suas mensagens chegassem às destinatárias, os namorados de algumas alunas costumavam escrever assinando o nome como se fossem suas colegas.

Diretora e amiga

Alguns anos após a fundação do colégio assumiu a direção a professora Emília de Paiva Meira, filha do senador e ministro do Império, conselheiro João Florentino Meira de Vasconcelos. Natural de Parnaíba, no Piauí, tamanha foi sua colaboração ao ensino e ao estabelecimento que a Prefeitura de Campinas, em caráter excepcional, deu autorização para que seu corpo fosse sepultado no próprio jardim da escola. Além dela, apenas duas personalidades receberam essa homenagem em Campinas: d. Vieira, enterrado no terreno da Santa Casa que fundara, e Antônio Carlos Gomes, que repousa em seu monumento-tumulo.

D. Emília de Paiva Meira, segundo os que com ela conviviam, era uma educadora excelente e jamais chegou a punir uma aluna, pois conseguia que as jovens reconhecessem seus erros e depois as orientava com bondade e sabedoria.

Quem conta todos esses fatos é d. Julie Villac, que trabalha no Colégio Progresso Campineiro desde 1919 e se recorda de todos os fatos marcantes ali ocorridos.

D. Julie acha que o ensino sempre foi bastante rigoroso no estabelecimento, pois as alunas saíam falando correntemente o francês e o inglês. "Tínhamos aula de manhã e à tarde, ficando as noites reservadas aos estudos", lembra ela.

Naquela época o uniforme da escola era branco, com avental. As moças costumavam enrolar os cabelos e fazer cachos, seguindo os ditames da moda. Para isso usavam papélotes enrolados em lápis.



Da Sucursal

A lembrança da educadora